



<http://dx.doi.org/10.15448/1677-9509.2023.1.44824>

SEÇÃO: ARTIGOS E ENSAIOS

População em situação de rua na superpopulação relativa

Homeless Population in Relative Overpopulation

Población callejera en la superpoblación relativa

Verônica Martins

Tiengo¹

orcid.org/0000-0002-4203-4001

veronicatiengo@outlook.com

Recebido em: 12 jun. 2023.

Aprovado em: 25 out. 2023.

Publicado em: 22 dez. 2023.

Resumo: O artigo foi desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica e de campo, embasada no materialismo histórico-crítico dialético. Objetiva estudar acerca da superpopulação relativa, investigando sua configuração atual e sobre a vinculação da população em situação de rua a esse grupo. O resultado é a integração da população em situação de rua à superpopulação relativa, especialmente na forma estagnada.

Palavras-chave: População em situação de rua. Superpopulação relativa. Forma estagnada.

Abstract: The article was developed based on bibliographic and field research, based on the critical historical dialectical materialism. It aims to study about the relative overpopulation, investigating its current configuration and the linking of the homeless to this group. The result is the integration of the homeless to the relative overpopulation, especially in the stagnant form.

Keywords: Homeless. Relative overpopulation. Stagnant form.

Resumen: El artículo se desarrolló a partir de una investigación bibliográfica y de campo, basada en el materialismo dialéctico crítico histórico. Pretende estudiar sobre la superpoblación relativa, investigando su configuración actual y la vinculación de la población callejera a este grupo. El resultado es la integración de la población sin hogar a la superpoblación relativa, especialmente en la forma estancada.

Palabras clave: Población callejera. Superpoblación relativa. Forma estancada.

Introdução

Neste artigo², desenvolveremos reflexões sobre um grupo imprescindível à acumulação capitalista, que atua como uma alavanca ao processo produtivo: a superpopulação relativa. Sua existência e reprodução compõem a lei geral. Veremos que a população em situação de rua é integrante desse produto do modo de produção capitalista.

A acumulação capitalista produz constantemente, e na proporção de sua energia e volume, uma população trabalhadora adicional relativamente excedente, isto é, excessiva para as necessidades médias de valorização do capital e, portanto, supérflua. (MARX, 2013, p. 705).



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Secretaria de Saúde do Estado do Espírito Santo (SESA), Vitória ES, Brasil.

² Trata-se de uma versão modificada de um dos debates realizados na tese doutoral da autora.

Conforme evidenciado por Marx (2013) nessa citação, é própria do modo de produção capitalista a produção de pessoas que não serão diretamente aproveitadas, compondo um grupo excedente de trabalhadores. É a população trabalhadora que produz a acumulação, assim também "produz, em volume crescente, os meios que a tornam relativamente supranumerária."

Mas se uma população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista (MARX, 2013, p. 708).

O capitalismo precisa de pessoas que componham a superpopulação relativa, esse grupo supérfluo às necessidades médias de valorização do capital, pronto para ser explorado, e que, caso precise, esteja disponível para ser alocado nos locais que o capital necessitar, sem haver quebra na escala de produção.

O processo estudado por Marx intensificou-se ainda mais com o passar do tempo, de forma a exigir de nós, enquanto pesquisadores, nos debucemos em análises sobre o assunto, visto que, se a superpopulação já havia crescido na época de Marx, passou por uma expansão ainda maior no período atual, pós-mundialização do capital.

Temos na produção e reprodução da acumulação capitalista a "transformação constante de uma parte da população trabalhadora em mão-de-obra desempregada ou semiempregada" (MARX, 2013, p. 708).

Quanto ao procedimento metodológico, a pesquisa persegue o método crítico-dialético. Foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo e utilizamos duas entrevistas, realizadas com pessoas em situação de rua³.

Temos como objetivo estudar acerca da superpopulação relativa, investigando sua configuração atual e sobre a vinculação da população em situação de rua a esse grupo. O resultado

encontrado é o fato da população em situação de rua ser integrante da superpopulação relativa, especialmente na forma estagnada.

Superpopulação relativa

A produção da superpopulação relativa tem tamanha importância que chega a ser tratada por Marx (2013, p. 709) como "condição vital da indústria moderna". Sobre sua composição: "Todo trabalhador a integra durante o tempo em que está parcial ou inteiramente desocupado" (MARX, 2013, p. 716). Uma das serventias da superpopulação relativa é pressionar os ativos a submetem-se a condições cada vez mais degradantes de trabalho. Ao mesmo tempo, o sobretrabalho da parte ocupada engrossa cada vez mais as fileiras da reserva (MARX, 2013).

A superpopulação relativa, na qual consideramos incluídos os *paupers*, segundo palavras de Marx (2013, p. 719), "formam uma condição de existência da produção capitalista e do desenvolvimento da riqueza".

Quanto maiores forem a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e rigor de seu crescimento e, portanto, também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior será o exército industrial de reserva [...] A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto maior será a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do martírio de seu trabalho. Por fim, quanto maior forem as camadas lazentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial. Essa é a lei geral, absoluta da acumulação capitalista (MARX, 2013, p. 719).

A lei geral de acumulação capitalista ocasiona uma acumulação desigual de riquezas: enquanto de um lado há acumulação de capital, e esse grupo acumula riquezas, o outro grupo, dos despossuídos, acumula miséria.

A acumulação de riquezas num polo é ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o

³ As entrevistas compuseram a pesquisa doutoral da autora, que após autorização do Comitê de Ética, aprovado por meio do Parecer Consubstanciado n. 3.703.908, realizou seis entrevistas. O número foi definido usando o método da bola de neve. Para o presente artigo, escolhemos apresentar os dados de duas entrevistas, segundo seu objetivo.

suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital (MARX, 2013, p. 721).

A desigualdade inerente à referida lei geral é enfatizada na seguinte fala de um de nossos entrevistados:

Mais em, agora, eu vou falar, de tanto negócio, de tanto lote que tem aí, vazio aí, espalhado por aí, tanta pessoa que tá na rua, necessitando de uma casa, e as vezes a pessoa nem é usuária de droga e tá necessitando de uma casa. Aí, tanta pessoa com lote aí, aí abre uma coisa, abre outra, e a pessoa tem que ficar na rua, aí o povo, a comunidade, ainda reclama.

Se eles pudessem comprar uma casa pra nós, ou um lote, pelo menos, pra nós construir, tava bom. Mais eles não faz. (GABRIEL, 2020)⁴.

Reiteramos que a riqueza vem do trabalho. A remuneração do capital que se converteu em mercadoria não vem de dinheiro que simplesmente se multiplicou e criou filhotes: "Vem do trabalho expropriado e não pago. É parte da mais-valia produzida extraída por capitalistas que têm como atividade a extração do sobretrabalho" (FONTES, 2010, p. 23).

O capitalismo existe somente atrelado à produção e à reprodução de expressões da questão social, sendo a realização uma delas. Vejamos, na fala seguinte, o papel da população em situação de rua na opinião do entrevistado e observemos a nítida relação com a superpopulação relativa:

Então, e isso é muito notório que as pessoas criticam as pessoas na beira da praia, mas quando dá o verão, eles querem a população de rua para levar as cadeiras e montar as praças na areia. Chama praça, aquela, na frente dos quiosques eles montam, aquele monte de cadeiras, guarda-sol, cava com a cavadeira pro vento não levar, aí é interessante a população de rua tá ali pra ajudar. Mas quando acaba o verão, eles são incômodo, são num sei o quê,

são noiados, são ladrão, são bandidos, mas no verão são trabalhadores.

— Ah não esses meninos aqui é trabalhadores, eu gosto deles. Até bate no ombro. E a pessoa quase chega a acreditar que a pessoa gosta dele mesmo. Pela ingenuidade, das pessoas, que muitas vezes, as pessoas tem pouco estudo e são ingênuas, mas aí como diz o nosso grande amigo né, o Paulo Freire⁵, fala que são uma ingenuidade as classes dominadas pensar que as classes dominantes dariam um ensino que faria compreender as injustiças sociais. (JORGE, 2020)⁶.

Destacamos a expressividade da fala ao considerarmos o mundo do capital, caracterizado por Marx (1985, p. 279) como "encantado, distorcido e posto de cabeça para baixo". Um mundo onde os trabalhadores que passaram pelo processo de realização, ao mesmo tempo que são vistos como vagabundos e discriminados, são chamados a alguns trabalhos, normalmente mal remunerados, e há uma confusão de entendimento, pois ora eles servem para que alguém lucre, ora não servem para nada.

Outro ponto dessa fala é a superpopulação relativa, que serve ao capital tanto como um meio de incentivo para que os trabalhadores continuem se submetendo às formas mais precárias de trabalho quanto como um grupo de pessoas disponíveis às necessidades do capital, prontos para o exército ativo.

Sobre isso, há autores que discordam, por considerarem a população em situação de rua somente como lumpen e, enquanto componente dessa forma, não estaria apta à submissão aos ditames do capital como exército ativo. Debateremos o assunto num ponto à frente. Na fala que segue, destacamos parte da entrevista, quando falam sobre a discriminação sofrida por eles, indicando momentos em que utilizam a estratégia da mendicância e sobre a demanda por trabalho: "E o pessoal ainda reclama que você está aqui pedindo um prato de comida ou tá deitado num papelão" (GABRIEL, 2020).

⁴ GABRIEL. *Entrevista* [2020]. 1 arquivo mp3 (34 minutos e 23 segundos). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no arquivo pessoal da pesquisadora.

⁵ A citação de Paulo Freire (1984, p. 89) exatamente diz assim: "Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica". E está presente no livro *Ação cultural para a liberdade*.

⁶ JORGE. *Entrevista* [2020]. Entrevistadora: Brasil, 2020. 1 arquivo mp3 (127 minutos e 57 segundos). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no arquivo pessoal da pesquisadora.

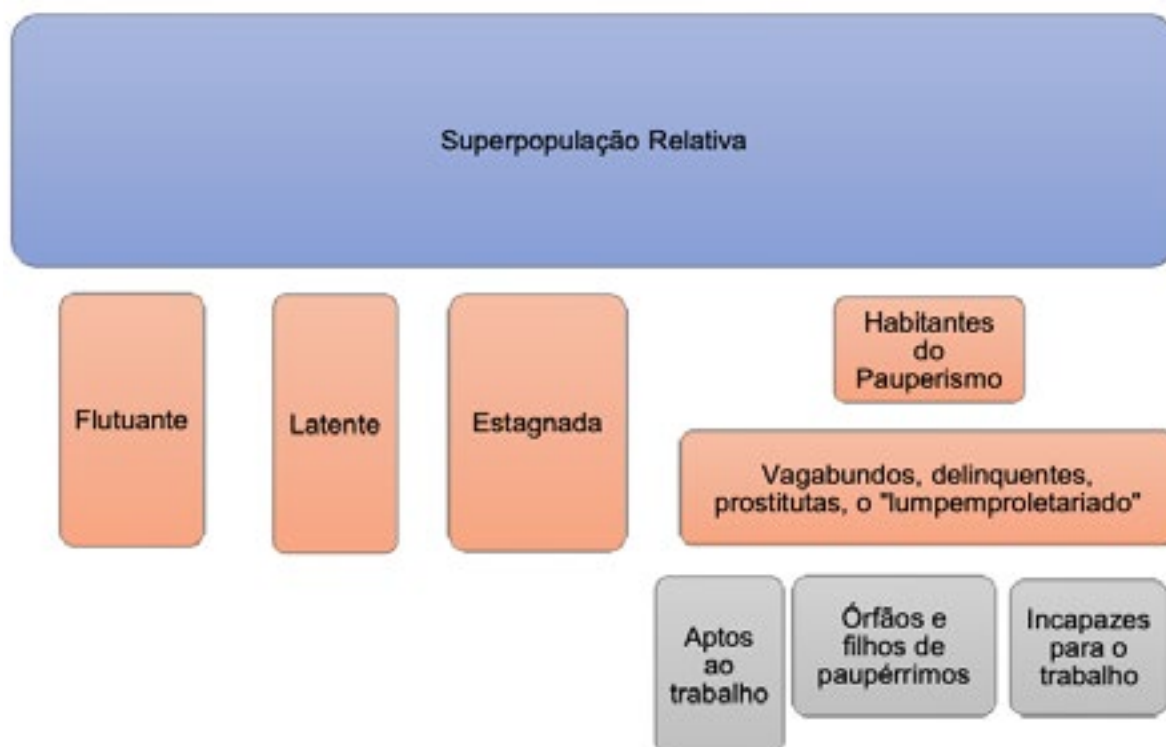
Salientamos que não existe capitalismo sem a formação de um grupo que não esteja inteiramente inserido e que necessite de outras formas para sobreviver, como o trabalho informal, por exemplo. É inerente ao modo de produção capitalista a produção e reprodução da desigualdade e a concentração de renda. Sua existência não é um equívoco, é seu fruto, e serve aos interesses do capital.

Marx apresenta três formas da superpopulação relativa e o seu sedimento mais baixo, o pauperismo. Entendemos que o pauperismo integra a superpopulação relativa e é uma forma mais baixa, no sentido de que as condições de vida dos que ali se encontram são piores que as dos outros trabalhadores, vivem na miséria e nem sempre conseguem atender sequer às suas necessidades básicas. Ainda assim, são parte da superpopulação relativa, conforme evidenciado

nas figuras seguintes sobre o assunto.

As figuras **não devem ser observadas com olhar determinista**, de forma a tentar encaixar cada um que se encontra parcial ou inteiramente desocupado num grupo. Tampouco demonstramos que primeiro a pessoa passará pela forma flutuante, depois latente, depois estagnada e depois pauperismo. Esse não é o nosso objetivo, tampouco nossa leitura. A realidade passa por diversas mudanças, de maneira que as formas apresentadas não abrangem a totalidade da realidade. Além disso, há uma gama diversa de determinações que a permeiam. Assim, essas formas aparecem na realidade das mais diferentes maneiras possíveis. Ao apresentar as figuras e destacar as falas da pesquisa empírica, nosso intuito, longe de reduzir ou simplesmente enquadrar as situações, é dialogar com as categorias e ilustrar o conteúdo apresentado por meio de exemplos:

Figura 1 – Formas da superpopulação relativa



Fonte: Elaboração própria a partir de Marx (2013).

Reiteramos que indicamos na última figura⁷ as formas básicas apontadas por Marx, e o que ele chama de sedimento mais baixo da superpopulação relativa, o pauperismo, que, por sua vez, é dividido em três categorias. Na próxima figura, destacamos elementos de cada uma das formas.

A última figura e a seguinte mostram as formas constantes da superpopulação relativa apontadas por Marx (2013). Porém, precisamos considerar dois pontos:

1º) Marx (2013, p. 716) explicou que não trabalharia com as "grandes formas, periodicamente recorrentes", e sim com as constantes, assim, desde sua época, existem outras formas com as quais ele não trabalhou;

2º) O método crítico-dialético, com o qual trabalhamos, evidencia as diversas mudanças existentes ao longo do modo de produção capitalista, que fez diversas alterações na sociedade capitalista e na forma como a humanidade vive. Opõe-se à ideia de que tudo é como sempre foi e permanecerá eternamente. Pelo contrário, muito do que é naturalizado e percebido como consequência de ações individuais é produto e produtor da reprodução e desenvolvimento do capitalismo. E, considerando as especificidades do método, uma

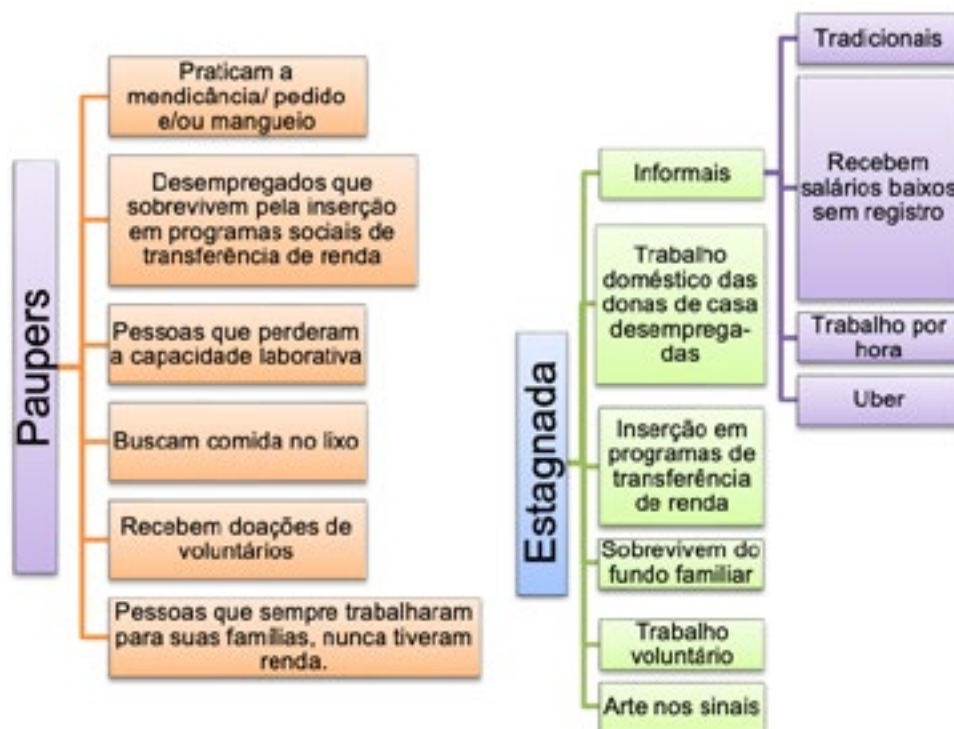
mesma pessoa não precisa estar necessariamente em somente uma das formas.

Tal método nos convida a entender o que foi pesquisado pelos demais autores e avançar no debate, visto que, com o passar do tempo, temos novas particularidades que nos levam a fazer outras perguntas ao concreto que, por consequência, exige novas respostas.

Vemos a necessidade de continuar os estudos sobre o assunto, tendo a obra de Marx como algo fundamental e basilar. Seus estudos sobre os determinantes da sociedade capitalista e a forma com que se desenvolve ainda são válidos hoje e continuarão sendo enquanto existir capitalismo.

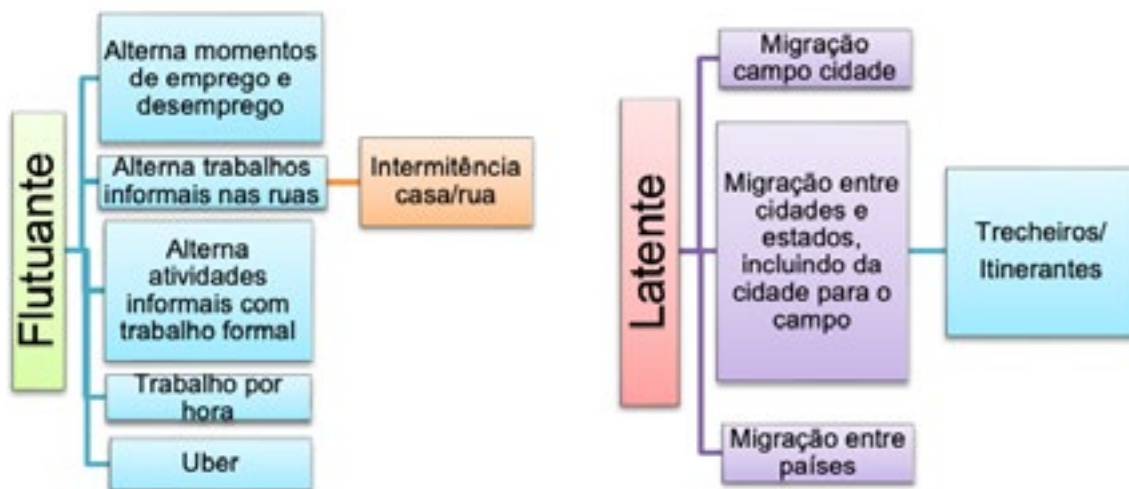
Refletindo sobre a composição da superpopulação relativa hoje, vemos uma abertura das formas apontadas por Marx (2013). Em cada uma delas, podemos pensar num grande leque de possibilidades de existência, algumas das quais podem ser vividas pelas pessoas em situação de rua. Para melhor visualização, apresentamos a figura que segue:

Figura 2 – Formas da superpopulação relativa atual



⁷ Evidenciamos que a realidade é muito mais ampla do que poderia caber em qualquer texto, e as contradições e formas, maiores do que poderíamos mensurar em qualquer esquema. Nosso intuito ao elaborarmos as figuras é didático, uma forma de nos aproximarmos melhor de como entendemos os temas trabalhados.

Figura 2 – Formas da superpopulação relativa atual (CONT.)



Fonte: Elaboração própria a partir de Marx (2013).

O objetivo das figuras anteriores é a ênfase no fato de que a superpopulação relativa está em constante movimento e, pensando nas formas básicas e seu sedimento mais baixo, é possível lembrar diferentes situações na atualidade, e há possibilidade de pessoas, ao mesmo tempo, comporem diferentes formas. Lembramos que a questão chave da realidade é o movimento. A complexidade da realidade é imensa, e os trabalhadores podem estar ao mesmo tempo no exército ativo⁸ e na superpopulação relativa nos casos, por exemplo, em que o salário recebido não lhes rende o suficiente para sobreviver e eles utilizam o trabalho informal como forma de complementar a renda.

Apresentamos uma ampliação da interpretação das formas da superpopulação relativa, pois mudanças ocorreram no capitalismo, desde o momento histórico dos escritos de Marx até os dias de hoje, e as formas de trabalho passaram por alterações, o que nos exige pensá-las con-

siderando o atual contexto. A forma latente, por exemplo, abarca, além da migração do campo para a cidade, todos os tipos de migração, incluindo entre cidades, da cidade para o campo e entre países.

Ao longo da tese, apresentamos a população em situação de rua enquanto parte da superpopulação relativa⁹. Suas trajetórias de vida demonstram aprofundamento das expressões da questão social. As histórias de nossos entrevistados ilustram essa realidade. Jorge, por exemplo, trabalha desde criança. Sua renda era voltada para ajudar a família. Trabalhava na lavoura, nos cafés e nas matas. Após a morte de sua mãe, sentiu-se pressionado por seu padrasto, que lhe cobrava muito e batia nele. Ele conta que recebeu o primeiro salário mínimo aos 13 anos, pagamento pelo trabalho na lavoura. Era uma regra em sua família a entrega de metade de seus ganhos, em prol do sustento de sua casa.

⁸ Marx (2013) aponta uma divisão da classe trabalhadora entre exército ativo e a superpopulação relativa. Enquanto o primeiro grupo era formado por aqueles trabalhadores ocupados inseridos em atividades regulares, o exército de reserva abarca os trabalhadores parcial ou inteiramente desocupados e também aquela parte do exército ativo inserido em atividades irregulares. Assim, o exército ativo é formado pelos trabalhadores ocupados em atividades regulares. Por outro lado, a superpopulação relativa, além de abarcar os demais trabalhadores desocupados, é composta pelos ativos em atividades irregulares. Os trabalhadores inseridos no mercado informal são um exemplo de ao mesmo tempo fazerem parte da superpopulação e do exército ativo, enquanto forma estagnada. Sobre a vinculação dos trabalhadores informais ao exército ativo, Sadadini e Nakatani (2002, p. 285) destacam: "ampliaram-se as ocupações informais no mercado capitalista de trabalho, sendo que esses trabalhadores servem como reservatório ativo de força de trabalho disponível para o capital".

⁹ A teoria marxista da dependência demonstra que há uma exacerbação da superpopulação relativa nos países dependentes, e a sua grandeza é um dos elementos que permitem a superexploração. A vida da população em situação de rua é uma confirmação dessa afirmação, afinal, são pessoas que trabalham, mas não conseguem sair das ruas por meios próprios, e a política social, que deveria garantir a execução de leis protetivas, como a constituição e decretos específicos ao cuidado com esse grupo populacional, acaba por garantir o acesso a poucos e, mesmo o que executa, está longe do que foi garantido, pois pauta-se pela seletividade e focalização. Ver mais sobre o assunto em Marini (1990) e Luce (2018).

Observemos seu relato a seguir:

[...] aquele lugar que era o nosso, era o nosso, éhhh nossa fortaleza, foi se tornando pra mim o meu terror. Né? Ali eu apanhava, eu perdi minha mãe, onde eu perdi uma vista e aquilo ali foi me afastando.

E quanto mais eu me afastava da minha família, mais eu se aproximava da rua. Porque eu ia pros sítios, apanhava café, eu ia pros eventos, trabalhos eventuais da lavoura. Só que quando acabava eu me via sem lugar para ir, eu num queria mais voltar pra dentro da minha casa. Ai que eu me deparava, ai, eu me deparava com a galera da rua, eu vinha pra cidade, éhh, muitas vezes eu alugava um lugar para morar, ai o dinheiro acabava, não tinha mais o que comer, não tinha mais o que pagar os outros, eu, ai não tinha como. Quem não tem dinheiro para pagar, a, é rua né (JORGE, 2020).

Vemos que o lugar que era tão central para ele, considerado como sua fortaleza, tornou-se num terror. Aqui, indicamos o fato de o processo de rualização iniciar antes das ruas, conforme expresso a seguir:

[...] o processo de rualização pode iniciar na esfera doméstica, esfera das relações primárias, e resulta na rua como espaço de sobrevivência e/ou moradia. Em algumas situações a ida para a rua pode se constituir em alternativa de resistência a abusos, exploração e outras formas de violação de direitos que ocorrem em casa ou no território (NUNES, 2019, p. 122).

Além do afastamento da família, que ocorreu especialmente a partir da perda da mãe e do tratamento diferenciado que recebia de seu padrasto, é nítida a vida de trabalho que teve, tanto nas colheitas de café quanto em outros trabalhos eventuais na lavoura. O trabalho realizado por ele produzia uma mais-valia apropriada pelo fazendeiro que o contratava, e depois de realizar trabalhos pesados, que deixavam suas mãos "estouradas"¹⁰, ele se via sem dinheiro nem mesmo para comer e precisava ir para a situação de rua.

Nesses momentos em que era contratado para trabalhar nas lavouras, ele compunha o exército ativo de trabalhadores, mas a colheita terminava, o plantio terminava e ele era repellido. Destacamos a forma flutuante da superpopulação

relativa neste momento da vida de Jorge (2020 *apud* TIEGO, 2020, p. 130):

Você não fala assim: eu vou pra rua. Quando você não tem para onde ir você já se vê naquela situação. E aí quando eu menos percebia eu me via na rua. Ai mas só que não era fixo. Era temporário, tinha as panhas, ia para a lavoura, me alojava lá, ganhava um dinheiro, fazia lindos planos, agora eu começo a minha vida, vou pra cidade arrumar um bom emprego, vou trabalhar de ajudante, vou ter uma bela vida, e, aqueles sonhos que são frustrados quando acaba o seu dinheiro e num tem um emprego né.

Outro ponto que observamos é a sua migração para a cidade em busca de um sonho, ter uma bela vida, e acreditava que conseguiria isso trabalhando como ajudante. Considerando o debate já realizado e a ampliação que defendemos para a forma latente, vemos nesta migração essa forma da superpopulação relativa.

Além disso, a forma flutuante não ocorre somente antes da situação de rua. Isso fica claro na história de Jorge, que alternava momentos em que estava inserido no trabalho no campo com momentos em que o dinheiro acabava e ele ia para a situação de rua, conforme reforça em seu relato:

Ai todo ano trabalhava, fazia economia numa lavoura, vinha com as mãos tudo estourada de carregar peça, costa, coluna, de carregar aqueles sacos pesados né. E chegar aqui na cidade pagar aluguel, pagar aluguel e depois não ter mais dinheiro e cair na rua (JORGE, 2020).

Em situação de rua, Jorge trabalhou arrumando jogos de cadeiras com guarda-sol nos quiosques no verão. Durante o ano todo, cata-va latas, lavava e vigiava carros. Além disso, já pediu dinheiro. Com isso, temos a última forma básica da superpopulação relativa, estagnada, e também seu sedimento mais baixo. Os trabalhos desenvolvidos em situação de rua apontam para a forma estagnada e o pedido, para o pauperismo.

Sobre a grandeza da forma estagnada, segundo as palavras de Marx (2013, p. 718), "constitui ao mesmo tempo, um elemento da classe trabalhadora que se reproduz e perpetua a si mesmo e

¹⁰ A TMD considera o esfalfamento do trabalhador pelo trabalho como uma expropriação do fundo de vida dos trabalhadores, que podem desenvolver diversas doenças decorrentes do trabalho. Ver mais em Osorio (2013, 2018).

participa no crescimento total dessa classe numa proporção maior do que os demais elementos".

A história de Jorge corrobora a argumentação desenvolvida e traz um vislumbre para o debate feito ao evidenciar a pauperização crescente na vida da classe trabalhadora, com condições de vida cada vez mais próximas ao sedimento mais baixo da superpopulação relativa.

Destacamos que a vida de Jorge é marcada pelo trabalho, porém, ao contrário do defendido pela ideologia liberal e neoliberal, de que basta trabalhar, se esforçar, buscar melhores condições de vida que todos vão prosperar, ocorreu a reprodução e o aprofundamento da miséria na vida de um homem cuja marca é o trabalho.

Lembramos que, quando Marx escreveu sobre o assunto, o capitalismo não possuía o nível de desenvolvimento da atualidade. Hoje, vemos como necessária uma perspectiva ampliada das formas básicas e também do sedimento mais baixo. Pensando na forma latente, por exemplo, enquanto no início do capitalismo na Europa, a principal forma de migração era do campo para a cidade, no contexto da Revolução Industrial e no Brasil, isso ocorreu especialmente no período conhecido como o *êxodo rural*, que acompanhou a urbanização e a industrialização do país. Hoje vemos uma migração entre cidades maior do que entre campo e cidade. A migração, especialmente em direção às metrópoles, dentro de um mesmo estado e entre estados, está presente nas trajetórias da população em situação de rua.

Jorge, por exemplo, morava no campo e começou a trabalhar desde muito cedo na colheita e no plantio na região rural. Sofreu muitas perdas ao longo de sua vida, como a morte de sua mãe, a perda de sua visão e de sua casa, visto que era muito cobrado pelo padrasto, e acabou deixando de ver sua casa como um lugar de segurança. Quando o período de plantio ou colheita terminava, ele alugava um local para morar na cidade, porém o dinheiro logo acabava e ele passava a viver nas ruas. Intercalava a moradia nas ruas, em habitações alugadas e nas acomodações nos locais de trabalho. Enquanto seu dinheiro durava, vivia em algum local alugado. Quando acabava, voltava

para as ruas, até que percebeu que seu dinheiro duraria mais tempo e lhe permitiria comprar alimento, roupas e calçados por um período maior se não gastasse com o aluguel e ficasse nas ruas logo após os trabalhos rurais. Ao perceber isso, ele diz que precisou "enfrentar a rua de frente".

Até aqui, vemos duas formas da superpopulação relativa pelas quais Jorge passou: a flutuante, visto que ele paira entre um emprego sazonal e outro; e a latente, pois ele saiu do campo e veio para a cidade. Lembramos que também consideramos como integrantes da forma latente os que fazem o caminho inverso, da cidade para o campo, e os que migram de uma cidade para outra. Isso também está presente na história de Jorge (2020):

Vivi bastante tempo, aí depois comecei a ir pra outros estados, e também em situação de rua, porque tinha a galera que ce mais encontra: ah, eu sou do Rio de Janeiro nós tamos indo pro Rio, um grupo de três quatro aí tinha esses negócios dos grupos né, aí a gente, na minha época era mais isso daí. Ia pra outro estado, escondido em lona de caminhão, debaixo, escondido né, em carga de caminhão, que está indo para outra cidade, a gente ia pros postos a noite, aí quando o caminhoneiro parava para dormir a gente escondia debaixo da lona, dormia lá mesmo, debaixo da lona e quando o caminhão saía a gente num sabia para onde tava indo. Aonde ele parasse pra descarregar era ali que a gente ia conhecer e ficar e tentar uma vida nova. E sempre nessa daí. E foi muito assim.

Jorge conta sobre sua migração, e, ao final, destacamos o seu objetivo ao sair de seu estado de origem, buscar uma vida nova. Esse propósito é comum a muitos que passam pelo processo de rualização. A migração na vida da população em situação de rua é inerente ao desejo de sair das ruas.

Todavia, é muito difícil alcançar a vida nova tão desejada em meio ao capitalismo, e mais ainda nas sociedades de capitalismo dependentes, cujas expressões da questão social são aprofundadas. Ainda que a liberdade seja aparentemente uma bandeira principal, ela não se concretiza, visto que não é mensurável uma liberdade genuína sem a presença da igualdade.

Ao contar como era sua vida nas ruas, Jorge destacou vários trabalhos informais fundamentais para sua sobrevivência. Os principais eram a catação de latinhas, lavar e vigiar carros e a

venda ambulante, conforme segue:

Ééé, eu era assim, sempre procurei alguma coisa pra mim fazer de bom, que seja útil, que seja trabalho. Eu já catei latinha, jááá vigiei carro, já lavei carro, já trabalhei pra quiosqueiro, é de praia, já fiz inúmeros trabalhos de rua, é, eeeee já pedi, já pedi esmola também, já fui pedinte também (JORGE, 2020 apud TIENGO, 2020, p. 130).

Vemos a forma estagnada, pois estava inserido em atividades irregulares, que são esses trabalhos informais realizados nas ruas, e a última estratégia de sobrevivência utilizada por Jorge, segundo seu relato, é pedir esmola. Aqui aparece o pauperismo. Salientamos a ênfase de Jorge às diferentes formas de trabalho, antes e durante o processo de rualização. A mendicância, por outro lado, aparece de maneira pontual, e não continua.

Ressaltamos que a vida de Jorge demonstra uma oscilação entre as formas da superpopulação relativa, tanto antes da vida nas ruas como durante, e também nos períodos em que intercala as ruas com os trabalhos sazonais no campo. Jorge viveu todas as formas da superpopulação relativa.

Na literatura sobre a população em situação de rua, é comum considerá-los como lumpemproletariado; em alguns casos, sem a devida mediação com o debate em torno da superpopulação relativa, aparece como algo dado, irrefutável, implicando a recusa da reflexão sobre o assunto:

[...] estudos incluíam os "mendigos" da época à categoria denominada por Marx de lumpemproletariado. Essa tendência prevaleceu entre os sociólogos brasileiros até muito pouco tempo atrás, mesmo quando o número de moradores de rua começou a atingir patamares expressivos. Ao proceder dessa maneira, eles conseguiram justificar as distorções do capitalismo, apontando o lúmpen como o maior exemplo das injustiças do sistema, não se preocuparam porém, em construir categorias de análise que levassem em conta as especificidades dessa população, contribuindo, assim, para a reflexão sobre suas reais necessidades e para a elaboração de políticas sociais (GIORGETTI, 2006, p. 41).

Segundo Giorgetti (2006, p. 42), os chamados "mendigos" eram automaticamente tomados como lúmpen, o que servia para cercear o debate sobre o tema, de forma a não refletir sobre as

múltiplas determinações inerentes ao processo de rualização. Porém, uma marca preponderante é a heterogeneidade, assim, rotulá-los como lumpemproletariado é uma forma de homogeneização, o que atrapalha a percepção de suas particularidades e dispensa "informações adicionais que permitissem uma melhor caracterização dessa população".

Os mendigos estão incluídos num resíduo nitidamente distinto das outras categorias, dentro da faixa relativamente periférica que é o lumpemproletariado. Superpopulação flutuante, estagnada e latente, são vinculados, embora intermitente, à escola do trabalho [...] nas sub-categorias do "inferno do pauperismo" os mendigos pertencem ao "lumpemproletariado" no sentido estrito, ao mundo particular das classes perigosas (STOFFELS, 1977, p. 48).

Stoffels (1977), conforme revelado, especifica claramente a inserção do grupo aqui estudado enquanto lumpemproletariado, visto que as outras formas da superpopulação vinculam-se ao trabalho. Um dos pontos de nosso argumento é esse, todavia não para restringi-los ao lumpemproletariado, e sim para ampliar a sua presença nas formas básicas, ao perceber a centralidade do trabalho mesmo em situação de rua.

Outro autor, também associando a população em situação de rua ao lúmpen, diz o seguinte: "A população de rua, conceitualmente, faz parte do chamado *lumpen-proletariado* e, no limite, do exército industrial de reserva" (WANDERLEY, 1995, p. 180).

Di Flora (1987) considera que a população em situação de rua vive no pauperismo, porém diz que a maioria foi expulsa da zona rural. Ela não fala sobre a forma latente, todavia é a que mais se aproxima, no contexto de sua pesquisa, no final da década de 1980.

Bursztyn (2000) apresenta uma diferenciação entre os biscateiros da década de 1970 e a população em situação de rua atual. Enquanto os primeiros, apesar de sobreviverem de uma economia subterrânea, possuíam endereço e tinham relações de trabalho informal de prestação de serviços, com acesso às casas dos clientes:

[...] os novos habitantes das ruas não são como os biscateiros, ainda que possuam uma ca-

racterística similar a estes: a flexibilidade de trabalho, mesmo que já não possuam profissão ou ofício. Podem ser meramente lúmpen, que sobrevivem de esmolas, da caridade pública ou de pequenos furtos, mas podem também desempenhar atividades econômicas úteis (BURSZTYN, 2000, p. 43).

Vejamos que o autor indica a associação entre população em situação de rua e lúmpen, mas não a fecha, e os que desenvolvem atividades úteis, para ele, não seriam lúmpens. O autor pauta seu debate pela exclusão e apresenta o que seriam os novos pobres, para apresentar o que chama de *nova população de rua*. Ele chama dessa forma porque, enquanto antes era composta pelos incapazes ao trabalho, agora era integrada também pelos trabalhadores “involuntariamente desvinculados do mundo do trabalho” (BURSZTYN, 2000, p. 42).

Salientamos que essa característica, tida como nova pelo autor, — a presença de trabalhadores desempregados — já havia sido percebida por autores décadas antes, como Vieira, Bezerra e Rosa (2004), cuja pesquisa foi realizada na década de 1990, assim como Stoffels (1977) e Di Flora (1987).

A conclusão de Escorel (2006) é um pouco diferente dos demais autores. Enquanto os outros afirmam que a população em situação de rua é lumpemproletariado, exceto Silva (2009), — que num momento também afirma que são lúmpen, mas em outro reconhece a sua integração à forma estagnada — para Escorel (2006), o grupo estudado é excluído. Apresentamos o entendimento dela a seguir:

Apesar de Escorel (2006) ter apresentado as formas da superpopulação relativa presentes no capítulo XXIII de *O Capital*, ela parece tirar suas conclusões embasada na obra de Castel (2013), que é uma de suas principais referências. Ela olha

para a população em situação de rua sob a ótica desse autor, que possui uma visão de sociedade que contrasta muito com a de Marx e Engels.

Castel (2013) apresenta a divisão entre excluídos e incluídos. Os excluídos vivem sob uma franja à margem da sociedade. Aqueles que estão próximos a essa margem estão em situação de risco e “vulnerabilidade”¹¹. A proposta de ação é incluir os excluídos, a visão é individualista, cada pessoa está incluída ou excluída e há um grupo considerado supérfluo, que são inúteis ao mundo (CASTEL, 2013).

Marx e Engels percebem a sociedade embasada numa relação contraditória fundamental: entre capital e trabalho, na qual o capital explora a força de trabalho, vindo desta a riqueza, permanecendo, porém, explorada e subjugada. A divisão básica é entre o capital e o trabalho, os acumuladores de riqueza e os acumuladores de miséria. Em meio a esse processo, existem aqueles que estão parcial ou inteiramente desocupados, e integram a superpopulação relativa. Porém, eles não são inúteis ao mundo, conforme a visão de Castel (2013). Esse grupo é considerado por Marx em *O Capital* como um produto do capitalismo e funciona como uma alavanca ao processo de produção.

Portanto, temos aqui uma¹² diferença substancial. O grupo que, para Marx, é produzido e reproduzido pelo modo de produção capitalista, e atua como uma alavanca ao seu processo reprodutivo, logo, possui seu papel na sociedade capitalista, é considerado por Castel (2013) como desnecessário, inútil ao mundo. Fica evidente que os autores trazem uma visão divergente uma com a outra. Assim, não há possibilidade de concordar com ambos sobre o assunto.

E no capítulo em que Escorel (2006, p. 169) fala sobre o lúmpen, intitulado “Trabalho e Rendimen-

¹¹ Optamos por apresentar o termo entre aspas para indicar nossa posição crítica em relação a ele. Com o mesmo intuito, ao longo do trabalho, utilizamos também a expressão *dos chamados riscos*. A política social brasileira foi permeada por termos como risco e vulnerabilidade, inspirados em autores como Castel (2013). Discordamos, pois consideramos como termos que encobrem a discussão sobre classes sociais em disputa no capitalismo em crise e obstaculizam a percepção da luta de classes. São termos estratégicos para tentar culpabilizar os sujeitos usuários das políticas sociais, como se a forma para sair do suposto risco e vulnerabilidade seria através de ações individuais, não de sujeitos coletivos. “Os organismos internacionais, ao redefinirem o conceito da palavra pobreza, não mais fundamentado somente no critério de renda e redistribuição, mas também e, principalmente, na ausência de capacidades, acompanhada da vulnerabilidade do indivíduo e de sua exposição ao risco indicam que não há espaço ou razão para estranhar a estrutura desigual da sociedade capitalista, basta criar estratégias que fortaleçam as capacidades individuais das pessoas. Ideia com a qual não comungamos” (ALVARENGA, 2012, p. 121).

¹² Optamos aqui por destacar somente essa diferença entre os autores, por conta do espaço e nosso objetivo ao levantar esse argumento.

tos: supérfluos e desnecessários, os inúteis ao mundo", já há indicação de seu posicionamento em concordância com Castel (2013).

Escorel (2006) traz o debate da superpopulação relativa e do lumpemproletariado. Ela apresenta suas formas básicas, o pauperismo e o lumpen, com as características que lhe são inerentes. A marca do pauperismo, seu

[...] traço essencial [...] não é a posição do trabalhador no processo de produção, e sim o modo de existência – ele vegeta na indigência, na caridade – e o caráter de dependência daqueles que se tornam continuamente supérfluos, antepondo-se à autonomia obtida através do trabalho (ESCOREL, 2006, p. 209).

Escorel (2006, p. 209) aponta o caráter moral como a diferenciação entre a classe trabalhadora e aqueles que não lhe integram mais:

As formas de existência da superpopulação relativa [...] são estabelecidas a partir da posição que os trabalhadores ocupam na produção de riquezas e do grau de exploração a que estão submetidos. Já as características do lumpemproletariado, encontradas nos escritos políticos de Marx, têm por referência as posições políticas do grupo analisado sob os parâmetros de ordem moral.

Apesar de a autora afirmar a existência de um grupo na classe trabalhadora e outro que não faria mais parte dela, o lumpen, marcado pela diferenciação moral, caracterizado pela integração ao pauperismo, comportamento criminoso, configurando um lixo humano, ela conclui que o lumpen é a "última franja da classe trabalhadora, [...] indivíduos que estão não somente à margem mas fora da dinâmica econômica, porque não têm valor de troca como força de trabalho" (ESCOREL, 2006, p. 210).

Após esse debate, Escorel (2006, p. 211) posiciona-se da seguinte forma: "Os excluídos não constituem um 'exército de reserva' mas também pouco podem ser classificados como lumpen". Seu argumento para tal defesa é a alteração de uma sociedade industrial, no período analisado por Marx, para uma sociedade cujo polo financeiro e de serviços predomina, que apresenta um exército de reserva diferente, pois não seria mais industrial, mas sim terciário, logo, esses não teriam "funcionalidade para a acumulação

capitalista" (ESCOREL, 2006, p. 212).

Assim, para Escorel (2006), a população em situação de rua não é classe trabalhadora, tampouco compõe a superpopulação relativa, nem o lumpen – são excluídos. A autora parece partir de um entendimento de que o exército de reserva está intrinsicamente ligado à indústria, como se de outra forma não existisse esse grupo. Isso explica sua defesa, porém temos questionamentos quanto a isso, pois essa visão restringe a classe trabalhadora e, para evitar esse entendimento, que consideramos oposto à obra marxiana, optamos por trabalhar com superpopulação relativa, que nos parece uma expressão mais adequada para demonstrar a amplitude que lhe cabe.

Silva (2009) avança, a nosso ver, ao resgatar a discussão de superpopulação relativa, com destaque para sua relação com a vida da população em situação de rua; todavia ela concorda com a visão de Wanderley (1995), e para ela "a quase totalidade desse contingente se encontra nesse profundo sedimento da superpopulação relativa" (SILVA, 2009, p. 101), marcado pelo pauperismo. Para ela, sua origem é nas três formas básicas e em situação de rua. Na citação a seguir, fica nítida a não restrição ao lumpen:

[...] suas características e seu perfil possibilitam associá-lo ao lumpemproletariado (parte da classe trabalhadora que se encontra no pauperismo, é apta ao trabalho mas não é absorvida pelo mercado), ou, no máximo, ao exército industrial de reserva, na forma da superpopulação relativa estagnada, que sobrevive do trabalho precarizado.(SILVA, 2009, p. 101).

Concordamos com Silva (2009) no que diz respeito à presença das formas da superpopulação relativa antes de a população em situação de rua passar pela rualização. Todavia, depois da rualização, ela pode também compor uma das três formas básicas da superpopulação relativa. A pesquisa nacional brasileira revelou que 70,9% desse grupo populacional sobrevivem por meio de sua inserção em trabalhos informais. Em sua esfera mais instável e precarizada possível, a forma estagnada é a que, de forma geral, melhor representa os que vivenciam a rualização, e não o lumpen (BRASIL, 2009).

Considerações finais

Portanto, indicamos que a existência da população em situação de rua ocorre como fruto do capitalismo, um modo de produção cuja base é a exploração, alicerçado tanto na acumulação de riquezas como na acumulação de miséria, e tem como alavanca a produção de uma superpopulação relativa, um grupo de pessoas expelidas pelo capital, supérfluas para sua necessidade de reprodução, mas fundamentais para a produção e reprodução capitalista.

Apresentamos uma ampliação das formas básicas da superpopulação relativa, refletindo sobre a realidade atual, enfatizando a presença constante do movimento na realidade, entendendo que as formas permanecem abertas a novos olhares.

A população em situação de rua é integrante da superpopulação relativa, podendo compor cada uma de suas formas, apresentando em grande parte características da forma estagnada, inserida em atividades irregulares.

Referências

- ALVARENGA, Mirella Souza. *Risco e vulnerabilidade: razões e implicações para o uso na política nacional de assistência social*. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- BRASIL. *Aprendendo a contar: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua*. Brasília: Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.
- BURSZTYN, Marcel (org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- CASTEL, Roberto. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DI FLORA, Marilene Cabello. *Mendigos: por que surgem, por onde circulam, como são tratados?* Petrópolis: Vozes, 1987.
- ESCOREL, Sarah. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- FONTES, Virgínia. *O Brasil e o Capital Imperialismo: teoria e história*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ- EPSJV; UFRJ, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GIORGETTI, Camila. *Moradores de rua: uma questão social?* São Paulo: FASESP, 2006.
- LUCE, Mathias Seibel. *Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias, uma visão histórica*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MARINI, Rui Mauro. *Dialética da dependência*. 10. ed. México: Era, 1990.
- MARX, Karl. *O Capital. Crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- Karl Marx. *O capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- NUNES, Rodrigo dos Santos. *Como a população em situação de rua está contemplada no processo de vigilância socioassistencial?* Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- OSORIO, Jaime. Fundamentos da superexploração. In: ALMEIDA FILHO, Niemeyer. *Desenvolvimento e Dependência: Cátedra Rui Mauro*. Brasília: IPEA, 2013. p. 49-70.
- OSORIO, Jaime. Sobre Superexploração e Capitalismo Dependente. *Caderno CRH*, Salvador, v. 31, n. 84, p. 483-500, dez. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792018000300483&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 fev. 2020.
- SABADINI, Mauricio de S.; NAKATANI, P. Desestruturação e Informalidade do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Venezuelana de Análisis de Coyuntura*, Caracas, v. 8, n.2, p. 265-290, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/364/36480212.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- SILVA, Maria Lúcia Lopes da. *Trabalho e população em situação de rua no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.
- STOFFELS, Marie-Ghislaine. *Os mendigos na cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- TIENGO, Verônica Martins. População em situação de rua: a evidência da barbárie. *História & Luta de Classes*, v. 16, n. 30, set. 2020. Disponível em: <https://www.rese-nhacritica.com.br/todas-as-categorias/historia-luta-de-classes-v-30-set-2020/>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- VIEIRA, Maria Antonieta; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei. *População de rua Quem é, Como vive, Como é vista*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. População de rua e a conjuntura atual. In: ROSA, Cleisa M. M. *População de rua Brasil e Canadá*. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 180-181.

Verônica Martins Tiengo

Assistente Social (UFES, Vitória, ES, Brasil). Mestre e Doutora em Política Social (UFES, Vitória, ES, Brasil). Analista do Executivo do Estado do Espírito Santo (Vitória, ES, Brasil). Integrante no Núcleo de Estudos e Pesquisa da Situação de Rua (UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil).

Endereço para correspondência:

VERÔNICA MARTINS TIENGO
Secretaria de Estado da Saúde
Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 2025
Bento Ferreira, 29050-625
Vitória, ES, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.